

EN Teatro Meridional (winner of the European Theatre Prize — Europe Prize New Theatrical Realities 2010) presents a play by the playwright, winner of the 1969 Nobel Prize in Literature and master of Absurd Theatre, Samuel Beckett. In this production of *Happy Days*, Mónica Garnel plays Winnie, who, buried from the waist down, commands a world of objects and illusions and remains there, illusorily, resisting the passage of time. This play is directed by the actor and theatre director Miguel Seabra, which is also responsible for the workshop *The Meaning of the Masters* of this edition of Festival de Almada.

Teatro Meridional (Portugal)
Texto de Samuel Beckett
Encenação de Miguel Seabra

Organização Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

<i>Dias e Horários</i>	07, 09 e 11 Julho — 21h30
<i>Local</i>	Auditório Fernando Lopes-Graça, Fórum Municipal Romeu Correia, Almada
<i>Língua</i>	Português
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> 1H45

Tradução
João Paulo Esteves da Silva

Interpretação
Mónica Garnel (*Winnie*)
Emanuel Arada (*Willie*)

Espaço cénico e Figurinos
Hugo F. Matos

Espaço sonoro
Rui Rebelo

Desenho de luz
Miguel Seabra

Assistência de encenação
Telma Meira

Fotografia
Susana Monteiro, Telma Meira e Ana Lopes Gomes

Direção de cena , Assistência de cenografia e Montagem
Marco Fonseca

Operação técnica e Montagem
André Reis

Assistência de produção e Comunicação
Catarina Pereira

Comunicação
Thalita Araújo

Produção executiva
Brigite Oleiro

Direção de produção
Susana Monteiro

Direção artística de Teatro Meridional
Miguel Seabra e Natália Luiza

PT **Beckett, agora. E sempre.**

Tenho uma relação quase religiosa com Samuel Beckett. Quando o leio, regresso a um ponto muito central dentro de mim. Um lugar de inteireza. Beckett reconduz-me a uma escuta profunda, a um estado de presença absoluta.

Para muitos, Beckett é um autor difícil, incómodo, quase maldito: fala do fim do mundo, da infelicidade, da escassez, do vazio, da noite — a noite da humanidade. Um autor de sombra e escuridão, associado à tragédia e aos conflitos mais intrínsecos do ser humano que propõe um teatro da introspeção radical e da reflexão existencial levada ao limite.

Beckett, um dos fundadores do Teatro do Absurdo — movimento teatral de vanguarda que surgiu na Europa na sequência da Segunda Guerra Mundial —, é alguém que percebeu como poucos a falência das narrativas de sentido e a fratura entre linguagem, pensamento e mundo .

Mas, para mim, quando o leio — do ponto de vista intuitivo, emocional e racionalmente — Beckett é luminoso. É positivo. Convoca esperança. As suas personagens e os respectivos percursos contradizem essa evidência superficial do caos e do fim. Beckett parece dizer-nos, num plano filosófico, existencial e quase anímico, que a luz só se encontra atravessando o inferno; que o nada é condição para tocar o todo; que a desesperança precisa de ser atravessada para que a esperança não seja sempre adiada para um futuro abstrato. Nesse sentido mais profundo, Beckett é um autor luminoso, diria mesmo que é otimista.

A sua aparente rigidez — o rigor extremo das didascálias, que constituem um texto paralelo — entendo-a como estrutura de suporte fundamental para se identificar a direção do caminho. Uma partitura hiperexigente para atores que gostam verdadeiramente de ser atores. Beckett é matemática pura, silêncio que tem som, pausa que vibra, som que é também silêncio. Ausência com espaço interno. Tudo é métrico, milimétrico.

Essa hiperestruturação provoca a sua própria antítese: a liberdade. A pressão do rigor obriga-nos a encontrar o ponto de fuga certo, o ponto exato onde a libertação acontece. Uma lógica de acupuntura: é ali, e não ao lado. Quando finalmente se encontra esse ponto, a luz aparece.

O caminho revela-se — sempre. [...] Nesta personagem em situação limite — enterrada, imobilizada, aprisionada — a palavra surge como ato de sobrevivência. Fala-se para existir. Para afirmar que se está vivo. Para não perder a memória. A memória que sustenta a identidade. Para não desistir. Esta é, por isso, uma peça de resistência. E, como toda a resistência, é profundamente política. Um teatro que convoca a liberdade. Agora e sempre.

Miguel Seabra